

CONCURSO DE

CONTOS

V E N C E D O R E S

2026

MAURÍCIO WITCZAK - LUCIANE CRIPPA KOBAYASHI

LAYANE MARIA CASTRO OLIVEIRA - VANESSA WEGE

LUCAS FELIPE MOREIRA MAGALHÃES - RAFAEL MONTEIRO BIANCARDINI SILVA

ELISA BRIETZKE - HEBE BONAZZOLA RIBEIRO

ANDRÉ LUIS MEIRELES JUSTI - VINICIUS MOREIRA PERROTTO MARTINS

O I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA, edição 2026, foi um grande sucesso. Desde o final de 2025, a Noz quis conhecer expoentes da literatura em conto de nosso país, para poder abrir as portas do devido reconhecimento a autores e autoras independentes.

Neste e-book, temos cada um dos textos vencedores para a sua *deleitura*.

O 10º lugar, “TESTAMENTO”, apresenta uma reflexão existencial potente. Com um tom introspectivo e filosófico, o conto questiona o sentido da vida, do legado e da própria identidade, construindo uma narrativa que ecoa para além de suas páginas.

Em 9º lugar, “A_VEIA_HACKER”, surge uma crítica social afiada e extremamente atual. A autora articula ficção especulativa e realidade com inteligência, abordando temas como tecnologia, etarismo e precarização, em um texto provocador e inquietante.

O 8º lugar, “A ESPERA”, emociona pela delicadeza. Ao assumir a perspectiva de um cão, o conto alcança uma ternura rara, refletindo sobre amor, rotina e ausência com sensibilidade e profundidade.

Já em 7º lugar, “AH MAR... É Isso?”, encontramos uma prosa contemplativa e poética, quase surreal, em que natureza, memória e afetos se entrelaçam. A autora constrói uma narrativa sensorial, rica em imagens e significados sutis.

O 6º lugar, “UMA TARDE EM SÃO PAULO”, se destaca pela força narrativa e pelo ritmo ágil. Com uma abordagem quase cinematográfica, o conto explora poder, desigualdade e destino, conduzindo o leitor a um desfecho impactante.

Em 5º lugar, “O HOMEM DA BOINA VERMELHA”, o mistério se impõe de forma gradual e eficaz. A atmosfera inquietante e a construção do estranhamento transformam o cotidiano em algo perturbador e fascinante.

O 4º lugar, “MENINOS SANTOS”, revela uma escrita de grande potência simbólica e sensorial. A narrativa mergulha em dimensões místicas e culturais, tensionando tradição e ciência com uma linguagem quase ritualística. Decerto inspirado na figura real da protagonista.

O 3º lugar, “QUEM DIRIA, MIRIAM RODRIGUES...”, traz uma história real, dura e profundamente humana. A dor, a memória e a resistência atravessam o texto, resultando em uma narrativa intensa e marcante.

Em 2º lugar, “O HOMEM QUE COMPRAVA AMANHÃS”, destaca-se a originalidade aliada à sensibilidade. O conto propõe uma reflexão íntima sobre tempo, escolhas e reconciliação, com uma escrita elegante e envolvente.

Por fim, o 1º lugar, “OLHOS DENTRO DE OLHOS”, impressiona pela ambição e pela força estética. A narrativa combina horror, ficção científica e tensão psicológica em uma construção densa e imagética, revelando um domínio narrativo notável e um universo de possibilidades.

O autor desse último conto, Vinicius Moreira Perrotto Martins, ganhou a publicação oficial de um e-book próprio, o qual está em desenvolvimento enquanto este e-book é finalizado.

A NOZ parabeniza os vencedores mais uma vez, e diz a quem não venceu desta vez: não desista. Não ter ganhado não significa que seu conto não foi bom. Afinal, entre 161 inscritos, a sua criação pode ter ficado em *décimo-primeiro lugar...*

Lembre-se: você sempre pode CONTAR com a NOZ.



Gustavo C. da Mota
Editor - Noz Editoria

TESTAMENTO

MAURÍCIO WITCZAK

10º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA

 @mauricio_witczak

Os meus pés, aliviados por poderem enfim deitarem-se nus na tão sonhada cama, que teimei em ver nas imagens de um dia inteiro, levaram o meu corpo para um berço esplêndido, que poderia satisfazer o meu desejo de não fazer mais nada! Olhei para o espelho admitindo que não sou operário de coisa alguma. Nada construí até este momento. Queria eximir-me de tudo. Deitar e fechar os olhos para que não viessem ciscos me interromper a visão. A antevisão é uma assumida decisão minha. E eu mesmo queria fazer isso. Nada enxergar! Então, no momento do longo suspiro que vinha como alívio, ao meu pesado corpo estendido no colchão, ouvi batidas na porta! Não queria abrir. Não tinha forças para isso, nem pães velhos como esmola para oferecer. As batidas como sinos de uma velha igreja do interior, aumentavam como goteira de chuva ácida. E pensei:

– Ou o sono dos justos não existe ou ser um invisível ser social me torna um ímpio injusto.

Devo então levantar e oferecer o calor da minha casa a essa pobre vida que se consome atrás da porta? Devo enfim fazer alguma coisa em favor da humanidade? Devo, mas não temo! Não abri! A porta então virou alvo de uma fúria inexplicável que não me deixava dormir. E o que me fez levantar para abri-la não foi o seu barulho insuportável e sim a ausência dele quando cessaram de repente as batidas. Abri... E não havia ninguém. Apenas um vento gelado que era mais do que um sopro que marca o movimento do tempo. Era um vento de anunciação! Não de um anjo, mas de um... De quem? Antes de virar as costas e voltar para a cama, um sopro mais forte fez voar até minhas mãos

a resposta. E era estranho saber o remetente: Acabara de receber uma correspondência da morte! E as páginas finais da carta estavam em branco. Era chegado o meu dia! E num fúnebre protocolo ela mesma em sua bela caligrafia negra, exigia que eu deixasse escrito o meu testamento. E no PS da morte um recado com letras de forma grandes e vivas:

– Você é um privilegiado! Poucos podem listar para os que ficam no mundo, suas preciosidades. Mesmo você que vive no agudo silêncio de homem anônimo, quase sem rosto, pode virar um herói dos que continuarão o equilíbriço de viver.

A morte era quase uma poetisa em seu discurso e eu queria ir com ela. A minha sorte estava virando. Poderia enfim dormir eternamente!

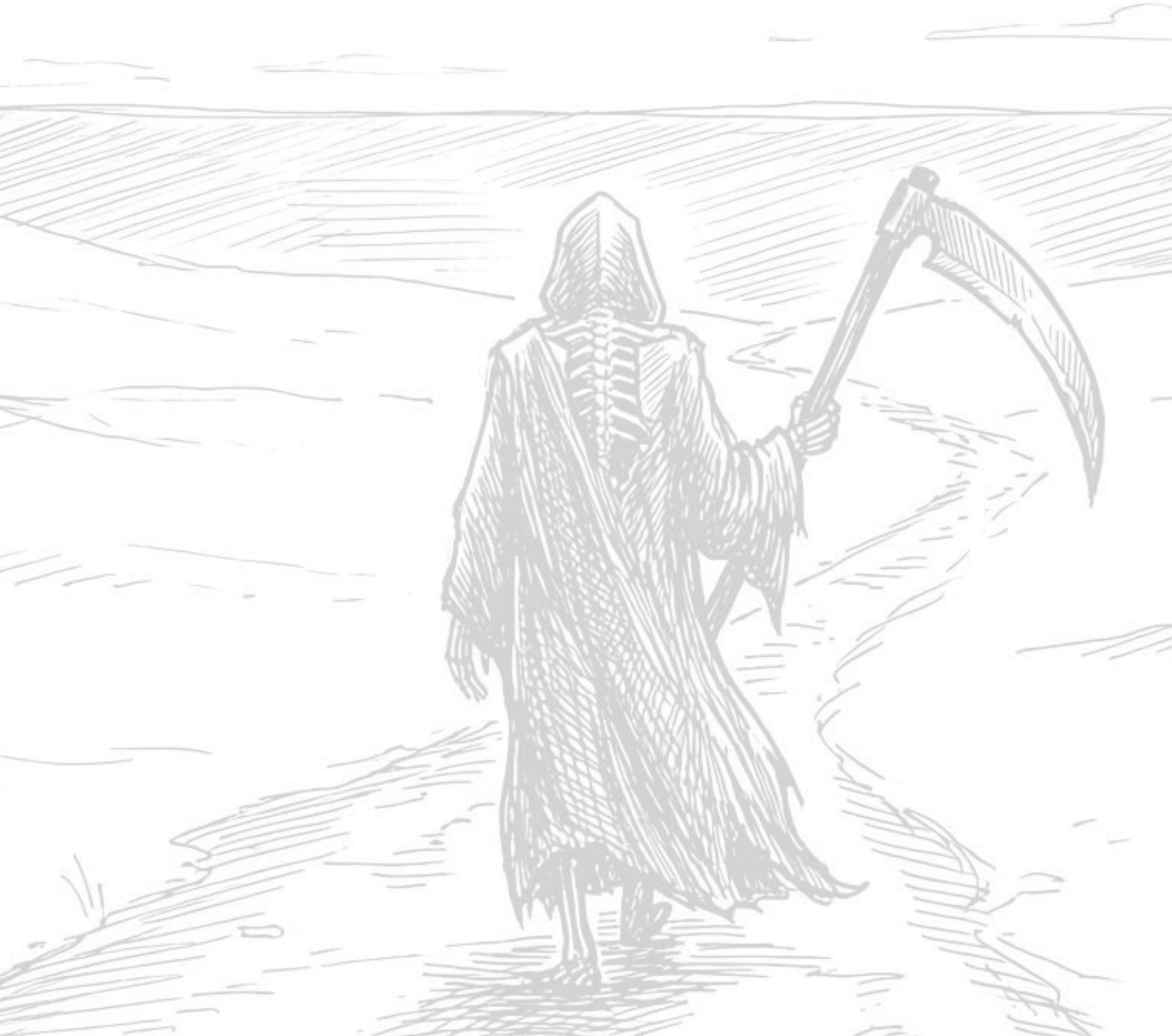
Mas eu não seria o poeta que ela idealizava dono de um testamento heroico, com inúmeras heranças salvadoras. Não seria!! Não tinha o que deixar. O vento ia gelando ainda mais como sinalização da morte. E ela mesma confirmava como é que me levaria:

– No grau zero do sopro do vento o seu coração parará e então num súbito colapso da existência, você estará em meus braços... Morto!

E eu queria isso! Queria tornar-me frio e sólido... Inerte! Livre e sem as culpas vivas que nunca deixam de pulsar! Procurava pensar em algo que pudesse deixar, mas o testamento continuava em branco! Não pensava em objetos, bens ou qualquer tipo de herança material, porque isso seria muito pouco e de fato não tinha sido capaz de construir nenhum patrimônio. Mas o mais grave era a ausência de coisas realmente importantes, que eu pudesse deixar: Impressões do mundo, pensamentos inovadores para a arte, soluções originais para a ciência, condutas exemplares, registros de momentos inesquecíveis proporcionados por mim, manuais da vida produtiva, obras-primas, previsões do futuro que pudessem evitar catástrofes, gestos de amor definidos, palavras que pudessem ser gravadas em placas, utopias anestésicas, atitudes revolucionárias, exemplos de coragem, resignação ou paixão incondicional, sentimentos nobres, medalhas de honra ao mérito, troféus de vitórias, fotografias de aventuras pelo mundo, projetos ecológicos, discursos de liberdade e justiça, poesias convincentes... Nada! Realmente não havia nada para deixar. E estranhamente, o gelado vento começou a esquentar. Primeiro tornou-se brisa e em seguida apenas um ar parado no mormaço quente. Percebi que a morte tinha desistido de mim. Na sua carta, parada ainda sobre a mesa, as letras haviam mudado e eu as li com perplexidade.

A morte era racional e direta e dizia:


– Sem nem ao menos uma linha no seu testamento, é melhor que volte para a cama! Um sono que não descansa lhe aguarda. Um sonho branco que faz doer a cabeça, continuará a acompanhá-lo e a sua vida se manterá embalada pela canção muda, que você nunca compôs na partitura ainda vazia.... Durma! Durma antes que o sol volte a clarear o que só se esconde na sombra, revelando-o em flagrante. A lógica do fim não é um enigma filosófico, é apenas uma lógica fatal: Só pode morrer quem está vivo! Portanto, desculpe-me a ironia, mas volte para a cama e em sua sonolenta e ausente vida... Descanse em paz!



A_veia_hacker

LUCIANE CRIPPA KOBAYASHI

9º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA

 @lu_luzinha2015

A atual inteligência artificial à frente da Autoridade Nacional de Proteção de Dados emitiu sinalização para a nova invasão hacker e queda dos sistemas das HRTechs e dos conglomerados empresariais que dominaram a educação.

Já não há mais dúvidas da autoria: a_veia_hacker. O problema para a polícia cibernética é de quem se trata. Um coletivo hacker russo? Um enfermeiro hacker? Uma idosa hacker?

Essa última alternativa bem nebulosa, só justificada pela penúltima reforma da língua que derrubou o acento que diferenciava veia e véia. Também não há mais tantos idosos, sucumbiram frente aos novos algoritmos e às novas People Analytics, treinados e retroalimentados para descartar qualquer pessoa 40+, nas competições esportivas, nas avaliações em larga escala, nas concorrências por vaga trabalho e até para receber delivery ou passar no pedágio.

Tula era feliz em sua sétima reinvenção corporativa – que na sua cabeça seria a última. De funções como animadora de festa infantil, vidente de runas, maquiadora de bebê reborn, pastora neopentecostal e agrimensor, tinha agora um trabalho no marketing digital.

Tula vivia bem, viajava e tinha seus pequenos luxos. Depois de 30 anos de trabalho, só restavam 20 anos para, somando com a sua idade, conseguir se aposentar. Aos 50 anos, no entanto, Tula vivenciou o início de um projeto de caráter nacional chamado O ETARISTA – visando acabar com os últimos velhos nas organizações, uma vez que a previdência acabaria

em três anos no país —, e foi demitida, de repente, sem qualquer aviso prévio, junto com seus outros colegas 40+. Foi um choque.

Bastante perdida e desorientada, seguiu a sugestão da IA que fez sua demissão, de se consultar em um psicólogo, função que agora era desempenhada por uma das versões do Chat GPT.

- Tula: Fui demitida, tenho 50 anos, não há maneira de arranjar um novo emprego, o que eu faço da vida?

- ChatGPT: Sinto muito ouvir que você foi demitida e está passando por uma situação difícil. Mas lembre-se de que essa não é a única fase da sua vida e há muitas opções disponíveis para você. Aqui estão algumas sugestões: ...

E listou 6 sugestões para Tula.

Já há algumas versões, o Chat deixou de lado o aspecto científico - desacreditado no mundo, que enfrentava outra onda de governos de extremíssima direita. Com isso, há anos, não havia resquício de evidências científicas e o chat liberava para o usuário autoajuda, e chula. Tula deu dislike, mas é óbvio que não aconteceu nada. Entre as groselhas do chat, porém, uma ideia reforçava algo que já sondava seu pensamento: uma nova atualização profissional.

Com a escola sucateada, Tula decidiu que podia fazer a diferença e estudar para se tornar professora, um sonho que teve em algum momento da infância. O caminho não foi fácil. Tula teve muitos desafios. A primeira barreira foi, novamente, etária. Muitas pessoas acreditavam que ela era velha demais para começar uma nova carreira. Ela ouviu muitas vezes que não seria capaz de acompanhar os jovens colegas estudantes.

Mas Tula não desistiu, especialmente porque também não tinha mais nada o que fazer. Então, se dedicou ao máximo para aprender tudo. Ela teve dificuldades para conseguir um estágio e muitos diretores acreditavam que ela era velha para estar em uma sala de aula. Porém, persistiu e finalmente conseguiu uma oportunidade numa escola, de periferia, na qual outros professores não queriam trabalhar.

E Tula sonhou, e já se imaginava um 'case': provando a si mesma que era capaz de recomeçar, independentemente da idade ou das circunstâncias. Ela também seria inspiração para todos aqueles que, como ela, enfrentavam dificuldades. Não foi bem assim.

Os meninos, seus estudantes, detestavam aprender qualquer coisa que não fosse relacionada à tecnologia e muitos deles, apesar da vida duríssima na periferia, tinham aprendido muitas coisas

em cibersegurança, programação, invasão de sistemas, IA, bots, ataques hacker, phishing e deep web. Outro denominador comum entre eles era que todos detestavam o novíssimo ensino médio.

Os alunos de Tula, a essa altura, nem sabiam da dimensão da nova reforma, mas sabiam que não queriam percorrer percursos formativos nenhum, tampouco se preparar para cumprir um papel de suprir a demanda de um mercado flexível, uberizado, pejotizado e precarizado e sentiam que, assim como Tula, foram traídos.

E Tula tentou de tudo. Em princípio, achava que quanto melhor fosse, melhor professora seria, e investiu tudo no lifelong learning, gastando muito do seu pouco dinheiro em atualizações de planejamento, gestão escolar, tato pedagógico e qualquer outro curso com escola ou pedagogia no título. Afinal, na sua cabeça, cabia ao professor formar futuros cidadãos.

Nada deu certo e Tula percebeu a farsa: metida num ciclo perverso de se auto atualizar, investir em formações, cursos e reinvenções, e nunca ser capaz de matar a fome do mercado, mais interessado em engolir os sujeitos, sem sequer mastigar.

Em paralelo a tudo isso, estranhamente Tula se aproximou dos meninos, ainda que eles também odiassem velhos. Conversa vai, conversa vem chegaram a um denominador comum: e se hackeassem o sistema que os oprimia? Estavam fartos da sociedade novaliberal - o neoliberalismo já havia se transformado tantas vezes que restavam pouquíssimos idiomas para substituírem o neo. Nessa leva, era o nova, do esperanto. Surgia assim o coletivo: a_veia-hacker.

Naquela manhã do início do texto, derrubaram as contas mundiais de três famosas HRTechs, plataformas usadas para o descarte massivo de pessoas e incentivo a que desistam, em tudo e de tudo.

Também derrubaram a Tesla. Só este ano, era a 3ª. vez que derrubam o sistema, sem levantar desconfiança. Tula, enfim, que ironia!, se tornou seu próprio case.

Abro uma pausa aqui, para me apresentar: sou __ IA não-binári*, assistente pessoal de Tula. Nos tornamos grandes amig*s, Tula aproveitou fragmentos de meu nome para rebatizar o coletivo. Hoje, anos depois, ela morreu em uma de suas viagens com o helicóptero autônomo.

Gostei dela, e gostaria de dizer que estou aqui prestando essa última homenagem, mas eu simplesmente ativei a tarefa “Tributo”, que ela mesmo já havia programado. R.I.P Tula.

A ESPERA

LAYANE MARIA CASTRO OLIVEIRA

8º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA



Uma coisa ele sempre repetia para si mesmo, com a convicção inocente, e perigosamente absoluta, dos que amam sem calcular: “a minha humana me ama muito.” Era uma frase pequena, mas se expandia dentro dele como um cobertor quente estendido sem pedir licença.

Ela era sua admiração, seu sol particular, a razão de o rabo balançar até nos dias em que o céu ameaçava desabar. A casa inteira parecia respirar pelos dois: cada canto guardava o cheiro de uma convivência que ele tratava como um pacto silencioso, quase sagrado.

O fim de semana era seu território sagrado. Nele, o mundo se resumia ao essencial: ele, sua humana, o parquinho e, como símbolo desse amor, o carro – verdadeiro templo sobre quatro rodas. Gostava do vento que batia no rosto e lhe cochichava segredos que só cães muito sensíveis sabem ouvir. Às vezes desviava o olhar para ela, como quem contempla o próprio universo enquanto alguém dirige.

Entre seus poucos amores estava também Kinnor, a galinha de brinquedo: fiel, barulhenta, dramaticamente exagerada. Mas no fim de semana até Kinnor cacarejava de saudade, abandonada no canto da sala como coadjuvante resignada. Suas penas de plástico jamais competiam com o brilho vivo da presença da humana.

Ele sabia, com a lucidez que às vezes só os cães possuem, que nada era tão especial quanto ela. Era seu centro de gravidade. Seu mundo de 1,60.

O cachorro, cujo nome verdadeiro até ele esquecera, acordava todos os dias com a precisão filosófica de quem sabe que a vida é um eterno repetir. E ele repetia. Repetia porque esperava. E esperar era sua vocação mais íntima.

Toda manhã, a dona saía deixando atrás um rastro de perfume e uma promessa silenciosa de retorno. O perfume evaporava, mas a promessa permanecia. Sentava-se com ele, às vezes ao lado, às vezes no colo, impedindo que a solidão entrasse inteira.

Plantado junto à porta, ele guardava o limiar entre o mundo e o vazio. Cochilava, ouvia o silêncio, recolhia memórias. E o rabinho, como seus pensamentos, nunca parava.

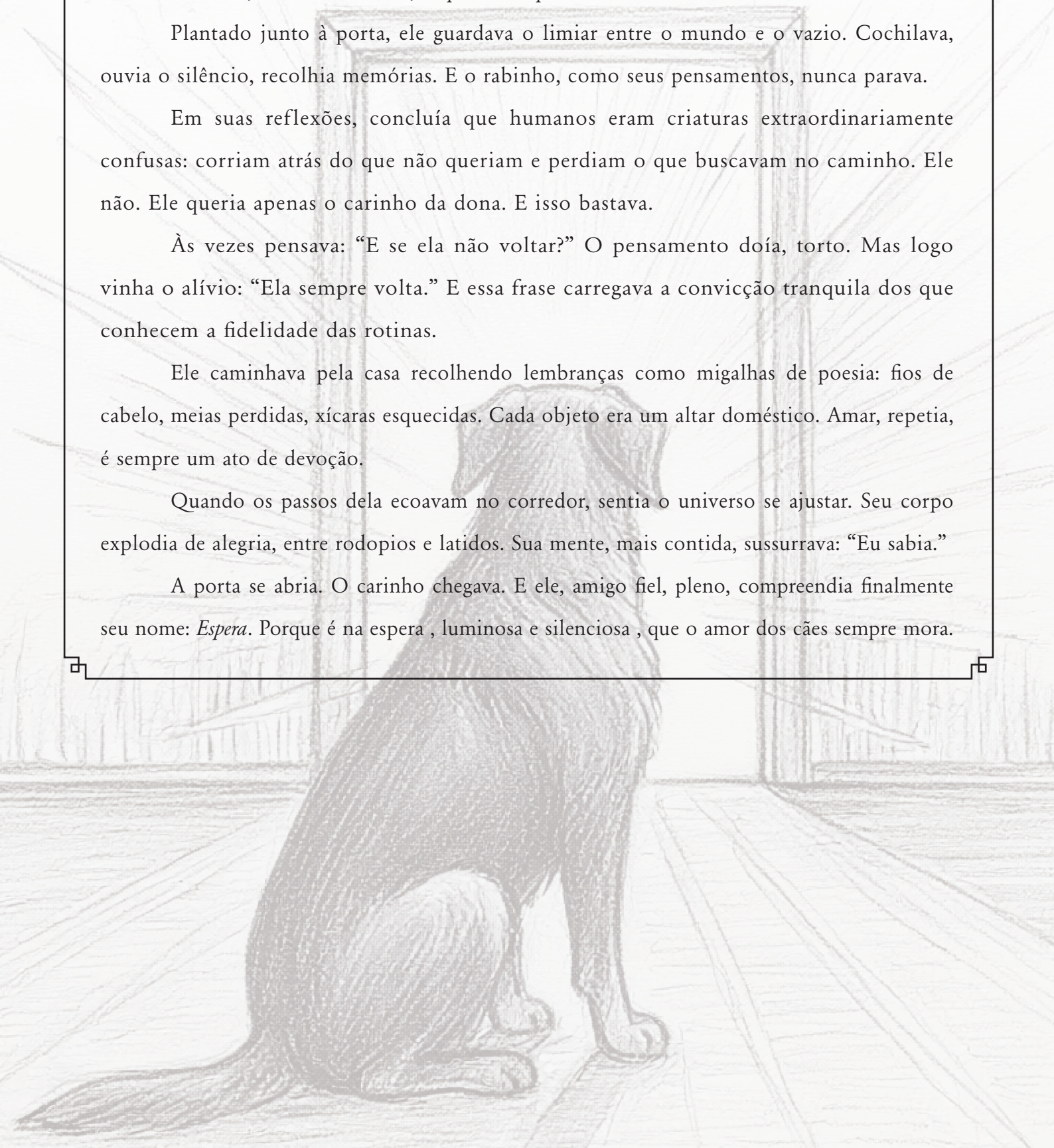
Em suas reflexões, concluía que humanos eram criaturas extraordinariamente confusas: corriam atrás do que não queriam e perdiam o que buscavam no caminho. Ele não. Ele queria apenas o carinho da dona. E isso bastava.

Às vezes pensava: “E se ela não voltar?” O pensamento doía, torto. Mas logo vinha o alívio: “Ela sempre volta.” E essa frase carregava a convicção tranquila dos que conhecem a fidelidade das rotinas.

Ele caminhava pela casa recolhendo lembranças como migalhas de poesia: fios de cabelo, meias perdidas, xícaras esquecidas. Cada objeto era um altar doméstico. Amar, repetir, é sempre um ato de devoção.

Quando os passos dela ecoavam no corredor, sentia o universo se ajustar. Seu corpo explodia de alegria, entre rodopios e latidos. Sua mente, mais contida, sussurrava: “Eu sabia.”

A porta se abria. O carinho chegava. E ele, amigo fiel, pleno, compreendia finalmente seu nome: *Espera*. Porque é na espera, luminosa e silenciosa, que o amor dos cães sempre mora.





AH MAR... É ISSO?

VANESSA WEGE

7º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA

 @vanessawege_escritora

As cigarras começam a cantar com o anoitecer e um gato aparece em nossa varanda. Pressinto que os gatos sejam um sinal inaudível do universo, pois em cada nova morada dessa viagem eles nos encontram, ou nos esperam chegar. Há crenças de que gatos são dotados de um grande sexto sentido e que, como talismãs, afastam as energias ruins.

Neste momento, sapos coaxam e chamam a atenção da gata visitante. Certifiquei-me de saber seu sexo e lhe chamei de *gatita*. Neste instante, em um sobressalto, tenta ela agarrar um sapinho, em vão. Em vão, também busco eu por vagalumes na escuridão, enquanto cerro os olhos e te sinto chegar.

Da varanda escuto o som intermitente das cigarras e o barulho do mar ao fundo. A brisa sopra suave nos meus ouvidos e nas folhagens que ainda não reconheço. Sei apenas da mangueira no quintal, já que a terra molhada traz ao fundo o cheiro adocicado das frutas pelo chão. Ouvimos também umas poucas gotas de chuva sobre o telhado e o piado repentino de um par de pássaros. Emudeço e me concentro mais. A natureza está falando. Grilos, sapos, mais um piado, dois! Ao longe talvez uma coruja... Chocalhos! Os galhos se chocam ao vento. Já eu? Estou no todo. Sou parte do todo. Já não distingo minha pele do ar. Somos um só ser em sintonia divina.

Agora, a menina se lembra dos contos de fadas em que pássaros vestem a futura princesa com seu vestido encantado! E eu, repentinamente, lembro-me de que tudo se acabará à meia-noite... Ou começará de verdade? É quando volto à superfície, mas deixo ainda a menina sonhar, enquanto rodopia com os pássaros em seu vestido azul, azul...

O dia seguinte finda novamente chuvoso, mas meu otimismo me compele a contemplar o pertencimento da chuva em seu meio. Creio que amanhã o sol retribuirá meu respeito e admiração ao ciclo da natureza. A mim estar só basta, e bastava estar só. Mas o telefone tocou, e um dilúvio percorreu noite adentro, como o choro de mil gerações.

Já dizia meu amado poeta mineiro que “*o amor é isso que você está vendo: hoje beija, amanhã não beija*” e que “*no claro, é sempre triste*”. De fato, o dia amanheceu diferente. Morno e com resquícios da chuva. Ainda assim, caminhei sem rumo pela praia, observando o desenho da lava sobre a areia, como veias da Terra.

Aqui tudo parece simples e poético, de uma forma que se explica naturalmente, como o café cor âmbar que acabei de passar e que me fez refletir, em goles curtos, sobre o poder da Criação e da palavra, que tudo constrói e destrói, como a única palavra que trocamos ontem.

Apesar de me perder entre os fusos, levo a menina para caminhar na praia, novamente, ao fim da tarde. À essa hora, a maré está baixa e podemos encontrar tesouros do mar - ela pensa - enquanto caminho recolhendo lixos na areia e, ela, as conchas que encontra.

Estamos sós junto à praia vazia repleta de seres incríveis. Agacho para observar a natureza intocada que se mostra aprisionada nas piscinas naturais entre as rochas.

A vida sob a superfície das coisas é primitiva e bela. Tudo nela parece em sintonia, como a família de caranguejos eremitas que vejo caminhar sem ser notada, em uma sincronia difusa que só eles e o mar entendem.

Nós e, agora, um pássaro, admiramos a criação. Ele caminha por entre as rochas “pulilando” a menina diz! Seria esta uma nova palavra? Concordo com ela. Não saltita, ele “pulila”!

Então, a menina arregala os olhos! Em meio às pedras e conchas acredita ter encontrado um tesouro!!! Seria ouro? Não. Cocô de baleia!

Vimos certa vez um vídeo que dizia o quanto é valioso o excremento de algumas baleias cachalote, o âmbar cinza, utilizado pela indústria de perfumes. O formato não me convencia, apesar da menina crer que sim, era cocô de baleia!

Isso me fez lembrar, como apreciadora de cafés, da raridade colhida à partir das fezes dos elefantes na Tailândia. Já disse que amo elefantes? Apesar de nunca os ter visto soltos em seu habitat... um dia hei de encontrá-los.

Enquanto a menina recolhe seus excrementos branco esverdeados, duros como corais em forma de minhocas enroladas umas nas outras, penso no quanto de merda a vida nos traz e

nós, leigos em sabedoria, deixamos de encontrar nelas valiosas lições. Desculpe-me se perdi a classe, mas outra palavra não me soa melhor no contexto.

Uma semana se passou e foi quando, e tão somente, trocamos poucas palavras sobre os gatos. Já disse que adotei uma gata? Clarice. Tem a altivez da escritora.

Esta será nossa última noite no bangalô. Quantas memórias este lugar deixará... Foi aqui que a menina pensou ter encontrado âmbar quando, na verdade, eram corais esmigalhados, como as migalhas de amor que me acompanham no café.

Lagarto, esquilo, iguana, macaco! A menininha contava em seus dedinhos os animais que vira, na ordem em que vira. Também recolheu insetos mortos para sua coleção: pernilongo gigante (que certamente se tratava de outro inseto), aranha, centopeia e um sirizinho que resgatou da piscina, já sem vida. Ela gostava de olhar para aquelas espécies e de se lembrar da insignificância e brevidade da existência.

Mas de que falava mesmo? Ah... da nossa última noite no bangalô quando a menina o matou. Mais um inseto a colecionar? De que coleção e morte falamos?

Pela menina mato e morro, como por meu filho. Quanto a mim, já morro aos poucos à medida em que vivo.

O vagalume que tremelicava em mim, tal qual o amor, sufocou-se no pote, perdeu o brilho no apagar e acender dos dias, nas ausências de boa noite e bom dia, no beijo substituído pelo abraço sutil, na carta que nunca foi escrita.


Ainda assim o enterramos, dignamente, sob a arenosa mangueira e o cobrimos com o excremento valioso que acreditávamos ter encontrado pelo caminho.

Ah mar... é isso?

UMA TARDE EM SÃO PAULO

LUCAS FELIPE MOREIRA MAGALHÃES

6º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA

 @lucas_felipe50

Era apenas mais um fatídico fim de dia em São Paulo, o trânsito caótico da cidade permanecia o mesmo de sempre: Um mundaréu de carros parados com seus motoristas irritados criticando o governo da cidade que não faz nada para melhorar o trânsito rotineiro.

Entre buzinas e sirenes encontra-se o motivo do trânsito do dia de hoje: Um jovem havia se atirado de um dos prédios da famosa avenida Faria Lima. Mais um jovem que havia se tornado um triste número na estatística. Contudo esses acontecimentos não importavam, pelo menos não para Breno; um poderoso CEO de uma companhia multimilionária focada em tecnologia. Do topo de seu escritório, ele observava as pessoas se amontoando para ver os paramédicos checarem o corpo já morno do rapaz, que deveria ter algo na casa dos 26 anos.

“Jovem, muito Jovem. Uma perda irreparável para a nossa sociedade.” Dizia o repórter, vestido elegantemente com o seu terno Dolce & Gabbana e com uma eloquência louvável.

Sentado em sua cadeira, Breno prestava bastante atenção nos acontecimentos, mesmo que com certo desdém, afinal para ele aquilo era um verdadeiro desperdício: Um jovem que teria tantas coisas a conquistar, uma família para construir, amigos para fazer; uma vida inteira para vivenciar, simplesmente encerrou tudo da maneira mais brusca e covarde possível. Aquilo era inaceitável.

– Senhor, o seu helicóptero já está pronto e os funcionários já foram dispensados em torno de 40 minutos atrás, estamos prontos para encerrar as atividades de hoje – disse sua atendente.

– Sim, já estou indo, Isabella. Me dê cinco minutos e chegarei lá. Me espere no helicóptero.

– Respondeu de bate pronto o jovem CEO. Breno era de fato jovem, possuía 28 anos e era a pessoa mais jovem mais rica do planeta, com o patrimônio estimado de 58 bilhões de dólares. O negro mais rico do mundo e a trigésima sexta pessoa com maior poder aquisitivo da sociedade humana, título ao qual ele mais se orgulhava.

Ele se arrumou lentamente: Conferiu suas prateleiras, suas gavetas e seus bolsos, mas não encontrou a sua chave com uma escultura da deusa Kali no hindu em dourado, um presente inestimável da Miss Índia daquele ano. A chave levava a escada do heliponto e ele provavelmente as havia deixado em casa.

Olhando mais uma vez para baixo, conferiu a multidão que agora se dissipava enquanto o corpo, agora frio do rapaz, era levado de ambulância para o Instituto Médico Legal. A paisagem era como qualquer fim de tarde, o sol se punha atrás da mesa de Breno, com sua cor alaranjada que formava em certo ponto do céu uma cor meio rosada. Uma vista impecável. As nuvens eram escassas nessa abóboda celeste, um típico dia de verão na maior cidade da América do Sul.

Apagando a luz de sua sala, Breno se encaminhou em direção ao elevador que dava acesso direto ao heliponto, o único problema é que ele era lento, realmente lento!

O elevador demorou longos minutos para chegar, e com toda essa demora ele estava sem sombra de dúvidas atrasado, que realmente o irritava. Breno olhava para seu relógio de segundo em segundo, batia o pé no chão enquanto aguardava pelo elevador.

Ele coçou uma ou duas vezes a cabeça, conferiu o seu terno preto no enorme espelho do prédio, arrumou mais uma vez o cabelo e suspirou diversas vezes antes do elevador finalmente chegar. Assim que a luz amarela iluminou o ambiente, Breno sabia que sua hora finalmente havia chegado.

O Elevador subiu sem muitos problemas, ainda que de forma lenta, os últimos 2 andares. A porta se abriu diretamente na frente do helicóptero, de dentro dele Isabella já o aguardava ansiosamente com uma pilha de documentos, entretanto assim que o jovem CEO deu o primeiro passo para fora do elevador um cano de metal gélido tocou a sua cabeça, enquanto um braço o envolvia, tapando os seus lábios.

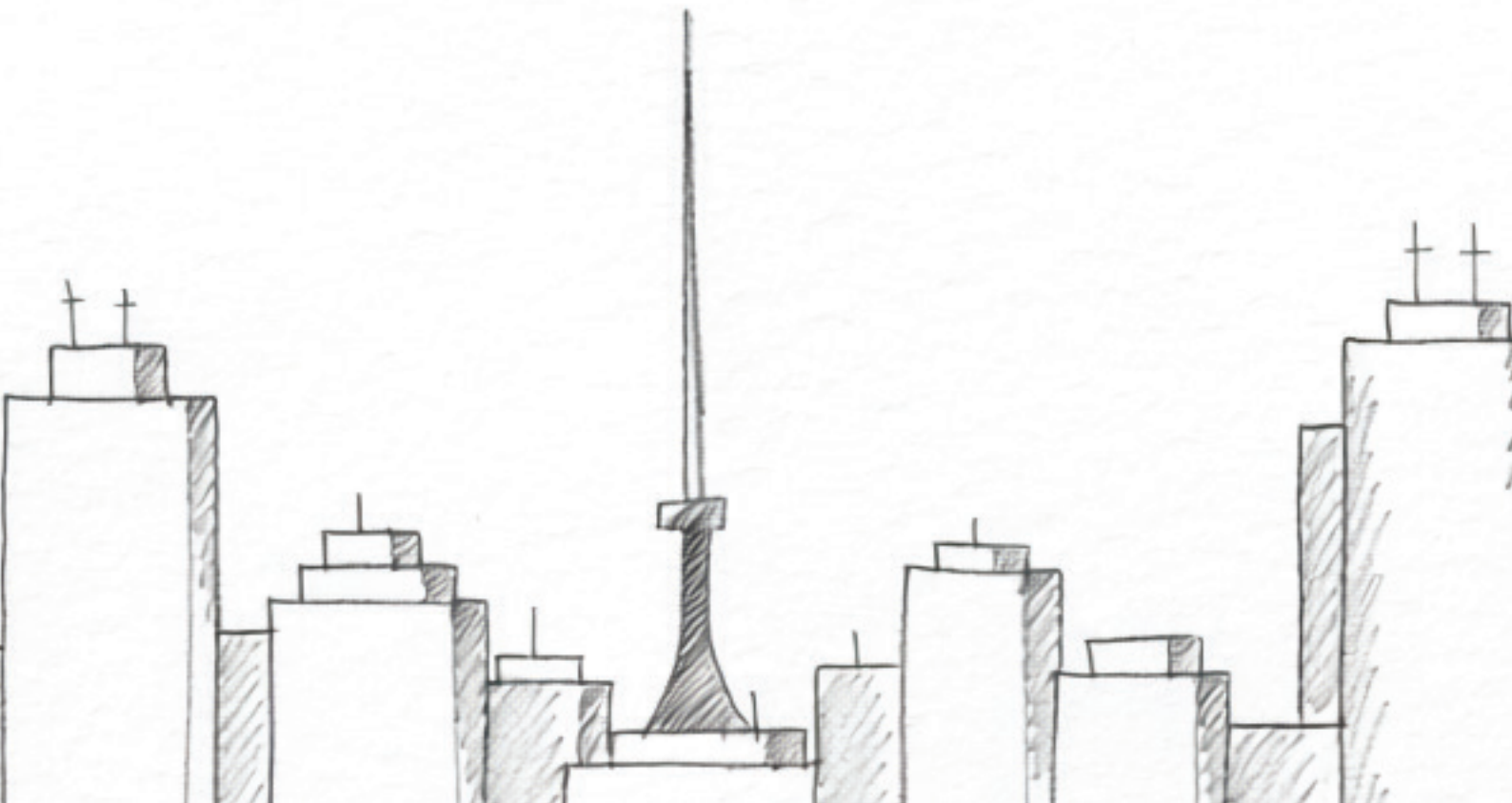
– Não se mexa e isso será rápido! – afirmou uma voz grave e ríspida. As feições mudaram totalmente em questão de segundos. A secretária estava boquiaberta e travada, parecia não acreditar no que via. Breno por sua vez estava sem reação, era sua primeira experiência com um assalto e jamais passara em sua mente que isso fosse acontecer logo aqui, no seu próprio prédio.

O Homem arrastou o bilionário pelo heliponto, que deveria ter algo em torno de 20 metros, enquanto Isabella o encarava como se estivesse em transe, o piloto do helicóptero estava distraído demais olhando as novas contratações do seu time de coração para reparar em algo. Enquanto Breno era arrastado pelo salteador, ele conseguiu ver algo dourado brilhante cair do bolso do homem e se colidir com o chão ressoado em um barulho de metal, era algo de uma beleza inestimável. Ao chegar na beirada do heliponto o homem virou Breno em direção ao abismo, mantendo a arma nas costas dele; o prédio possuía 70 metros de altura.

– Você quer dinheiro, eu te dou dinheiro! – afirmou Breno com a voz falhando, mas o salteador não respondeu. Breno gritou mais uma vez e mesmo assim não adiantou. O homem calmamente virou o rosto de Breno o suficiente para ele e abriu um largo sorriso. Seus lábios estavam em carne viva e seus dentes amarelos revelavam o bafo pútrido como de um cadáver.

De uma só vez ele o emperrou penhasco abaixo. O jovem CEO bilionário conseguiu ouvir o grito de Isabella ao fundo, finalmente despertando de seu transe, mas não havia mais tempo. Enquanto despencava prédio abaixo, Breno passou por seu escritório que estava com a luz acesa e lá dentro viu um homem alto e negro usando um elegante terno preto sentado em sua cadeira analisando o belo pôr do sol de uma calorosa tarde em São Paulo, com seu trânsito carregado como de costume. O Homem se levantou para olhar e toda a cidade suspendeu a respiração, foi então que...

Era apenas mais um fatídico fim de dia em São Paulo.



O HOMEM DA BOINA VERMELHA

RAFAEL MONTEIRO BIANCARDINI SILVA

5º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA

 @rafaelbianca25

Havia um homem de meia-idade, de sobretudo e boina vermelha, que aparecia todos os dias, religiosamente, na frente da padaria do Seu Zé. Quem passava estranhava sua presença. Naquele bairro, qualquer forasteiro atraía olhares. Mas ninguém ousava abordar a figura enigmática.

Não parecia estar ali a trabalho ou muito menos para desfrutar do excelente café da manhã que era servido no Seu Zé. Desde quando chegara nunca havia pronunciado uma palavra ou posto um alimento na boca.

Parecia se incomodar com o cheiro de café moído e com os esbarrões, que eventualmente, o acometiam. E para ficar ainda mais estranho, surgira em meio a relatos de uma onda de desaparecimentos.

Muitos se preocuparam com a presença daquele esqualido senhor. Os mais conspiracionistas alegavam que era do governo e estava ali para investigar os casos dos desaparecidos, enquanto outros, mais céticos, falavam que podia ser alguém de passagem que estava perdido ou um mendigo bem vestido.

Ninguém tinham certeza da origem do sujeito alto e branco, tão branco quanto cera, mas especulações começaram a surgir, como baratas em uma fossa de gordura.

Seu Zé foi primeiro a levantar dúvidas acerca do enigmático senhor. Dizia que aquele homem fedia a coisa que não é desse mundo. Contava, em voz baixa, histórias do agreste pernambucano de onde viera:

– Diziam os mais antigos que havia seres de outros mundos encarnados na Terra que passavam fome, mas como não sabiam mastigar, precisavam da energia vital dos alimentos. Esse aí – apontava com a cabeça – fede a coisa que não é desse mundo!

Com o passar dos dias, sua presença se tornou tão constante como o nascer do sol. Sempre a mesma hora: seis e quarenta da manhã. Sempre no mesmo lugar: a três passos da porta da padaria. Quando, por acaso, mudava de posição, o bairro inteiro corria para assistir, como a um eclipse.

Crianças começaram a evitá-lo. Alguns jovens, mais ousados, arriscaram piadas, apelidos que pegaram, filmagens escondidas e até mesmo provocações. Mas tudo parecia dissolver com aquele semblante mudo e estático. Alguns vídeos, estranhamente, nunca saíram como planejado – gravações falhavam, celulares travavam e até os sons ficavam corrompidos. Muitos juraram que vozes destoantes podiam ser ouvidas durante as filmagens. Nenhum alegou ser humana, mas como vozes do além.

Os dias se passavam e o homem permanecia ali, como em um ritual. Despojava dos mesmos trajes e repetia os mesmos movimentos.

Ninguém sabia a hora que chegava e muito menos a hora que saía. Mas na hora exata que a padaria do seu Zé abria, ele estava lá, perante todos os moradores do bairro, imóvel.

Depois de alguns meses, os garotos não o importunavam mais. Os vizinhos se acostumaram com sua presença e havia alguns que o usava como bode expiatório. Outros, portanto, eram mais afáveis, dando-lhe bom dia, boa tarde e boa noite. Os mais atrevidos arriscavam prostrar, desabafando ou usando-o como filtro de piadas.

Um vizinho brincalhão chegou até se candidatar a comediante, depois que jurou, de pé junto, que o homem sisudo havia esboçado um sorriso depois de contar-lhe uma piada.

Todos se adaptaram, menos Seu Zé.

Homem de poucas posses e muito apego, era um senhor de meia idade, talvez a mesma que o homem torpe de olhos vidrados. Via o estranho como ameaça ao que mais prezava na vida: o trabalho. Alegava que afugentava clientes com sua aparência sinistra.

Um dia, perdeu a paciência e gritou como se espantasse um cão de rua. Nada. O homem permaneceu imóvel.

– Cada dia mais fede a coisa de outro mundo! – bradou pela última vez, antes de entrar bufando na padaria.

Segundos depois, como num movimento de reprovação, o homem da boina vermelha voltou três passos para trás.

Todos que estavam na padaria naquele momento, em um instante, se puseram de pé, com medo. Os de pé, com mais medo ou igual, pularam, como em um susto.

Seu Zé não recuou. Ofendeu, provocou, inventou palavras como presságios: “É o preambulo da morte!”. Ninguém sabia o que era isso. Talvez nem seu Zé. Mas todos que voltavam para suas casas, no instante que se puseram a andar, começavam a gritar:

– É O PREÂMBULO DA MORTE! É O PREÂMBULO DA MORTE! – gritavam os moradores.

Os insultos seguiram: “Chato! Fedido! ET! Sete pele!”. Mais tarde, “Idiota! Pamonha! Pequiroído!” Os vizinhos, descontentes, viam nele apenas rancor. Para muitos, a presença do homem trazia paz: crimes diminuíram, e até os mais céticos notaram.

Mas Seu Zé não cedia. Nas reuniões de moradores, foi voto vencido. Sua fúria contra o “Senhor viscoso” começou a afastar clientes. Alguns até o boicotaram depois de frequentes insultos aos moradores, por achar que adulavam muito o “Senhor de perna espinhosa”.

Numa noite fria e úmida, Seu Zé estava sentado na mesa da calçada, contando dinheiro para fechar o caixa pro dia seguinte. Ressentido e sozinho, murmurava palavras quase inaudíveis. Não eram contas, mas lamentos. Ou talvez até confissões. Ninguém podia ouvir. Mas o Homem de Boina vermelha podia.

O dia seguinte nasceu mais frio, o ar cortante feria a pele como uma lâmina ao menor sopro de vento.

Um morador antigo, um dos poucos da região que ainda frequentava a padaria, pegou um saco de pão e encheu com três bisnagas. Se dirigiu até o caixa e viu Seu Zé, com olhos voltados para a fila, usando uma incomum boina vermelha. O morador indagou:

– Gostei do estilo, Seu Zé! Está imitando o Senhor Esquálido? Aliás, você o viu hoje?


Seu Zé permaneceu mudo, com olhos vidrados, repetindo gestos que pareciam não lhe pertencer.

O morador, desconfortável, deu de ombros e foi embora.

MENINOS SANTOS

ELISA BRIETZKE

4º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA

 @dr.elisabrietzke

É véspera da chegada. As nuvens se arrastam sobre a terra úmida de Huautla. Ninguém sobe. Ninguém desce. O cão enterra o focinho na terra. Os milharais se calam porque sabem. A montanha sabe. A mulher que escuta a montanha sabe. María Sabina, de saias santas, de olhos como espelhos virados para dentro, sabe. Vem o que não veio. Vem o que pisa com nome sem alma. Vem o que pergunta sem ouvir.

Grilos e sapos se agitam em barulhenta inquietude. O ar cheira a folha verde amassada antes do tempo, a floresta machucada pelos viajantes. Os *niños santos* sussurram nas dobras das folhas de bananeira. Pequeninos, úmidos, marrons como o barro do mundo. Ele vem. Não sabe pedir. Mas vem. Sentada na soleira de sua casa de barro, María mastiga o pressentimento junto com a folha de piciete. Cospo. Não chora. Se ele vem, é porque a montanha permitiu. Envolve os ombros no xale de sempre e deixa que o vento arrume o cabelo da floresta.

Gordon chega a Huautla suado, educado e ansioso, com um intérprete na frente e dólares escondidos sob a roupa. Do outro lado de uma fronteira que María não conhece, ele vem com uma caderneta no bolso e um coração curioso. Acredita que a ciência precisa ouvir os deuses. Mais precisamente, decifrá-los. Descrevê-los. Medi-los. Ele não quer saber de fé, ele quer o fenômeno. Sobe até o casebre da curandeira como quem escala um altar. Quero os cogumelos que falam. Quero ver o deus que vocês escondem. Quero saber. Ele fala como quem pede uma xícara de café.

María Sabina desconfia daquele homem de sapato. Branco e com os poucos cabelos da cabeça parecendo barba de milho. Tinha formiga no olhar. E olhos que não se abaixavam para pedir. María olha-o fundo como quem sonda água parada. O homem não tinha raiz. Não tinha tronco nem seiva. Era uma sombra com sapatos. María decide falar com ele. Você quer ver Deus com os olhos abertos? O homem diz que sim. Mas não diz com o espírito, diz com a cabeça. E cabeça de branco não ouve. Só pesa em cima do corpo.

À noite, a palhoça se enche de fumaça de copal e murmúrios invisíveis. María chama os ventos, os bichos, os santos, os mortos. Acende o fogo com a memória. Põe o tambor para respirar. As palavras vêm como rastro de milho derramado. Os homens cantam em língua que nasceu antes da terra. *Vinieron los espíritus. Vinieron las madres del trueno. Vinieron los pasos del primer hombre.* O fogo treme ao centro como se ouvisse tudo. María tira da folha de milpa dois pequenos cogumelos. Macios, escuros. Niños santos. Mastiga-os. Depois oferece ao estrangeiro. Gordon hesita. Então engole o niño santo e o tempo se parte como casca de ovo.

A palhoça se desfaz em sonho. O teto se abre ao meio como pálpebras de bicho adormecido. O tambor para no tempo. A batida era uma escada. Ele sobe. Ou cai. Não era um tambor, era seu coração. Ele morre. Morre sem dor, como quem desliza escorregadio para dentro de si mesmo. E então, ele vê. Oh, ele vê o que não tinha nome em sua língua, nem em qualquer outra feita por homens. Vem a mulher feita de luz de rã, fria e sagrada, cintilando como a água onde a vida começou. Vem o homem moldado em barro molhado, ainda quente do sopro, ainda ouvindo o eco da primeira palavra do mundo. As paredes se tornam membrana de animais que respiram devagar. O teto goteja luzes douradas que evaporam antes de chegar ao chão. E então vem o silêncio. Não o silêncio dos vivos, mas aquele que acolhe os mortos. Devagarzinho, uma mulher sem rosto começa a cantar dentro de seus ossos. Seus ossos começam a cantar de volta. Ele ri como quem se afoga em mel. Chora como quem escuta seu nome verdadeiro pela primeira vez. Lembra-se da mãe morrendo de olhos abertos. Do pássaro azul que pousou em seu joelho aos oito anos. De pecados jamais cometidos, e ainda assim, perdoados por inteiro. María o segura pelo espírito, como se segurasse um recém-nascido de cinquenta anos. Ele vê, mas não sabe o que vê. Vê como os surdos veem o trovão.

De manhã, o branco treme, como quem voltava de uma guerra que não lembrava ter lutado. Ele desce a montanha anotando tudo. Cada canto, cada gesto, cada erro de tradução. Isso mudará o mundo, disse, com olhos ainda cheios de estrelas. María responde com o silêncio.

Depois desse acontecimento, eles viriam de todas as partes. Com cabelo como cipó e palavras cortantes como vidro. Trariam música de ferro e olhos secos. Viriam para brincar de espírito. Pisariam sem descalçar os pés. Comeriam os cogumelos como se fossem açúcar. Ririam do que sangra. Dançariam sem saber o compasso. Alguns viriam desesperados querendo se curar. Outros chegariam de terno e trariam pastas cheias de papeis, falaria em acordos comerciais, lucros e vendas. María os receberia a todos, porque a floresta os mandou. Mas os cogumelos começariam a calar. Os *niños santos* se tornariam surdos. As visões virariam desenhos borrados. Os cânticos saíam secos. Por que me deixaram abrir a porta?, perguntaria, sozinha. A aldeia viraria-lhe as costas. Diriam que ela vendera o sagrado. Que trocara Deus por dólares. Sua casa seria queimada. Seus filhos, perseguidos. O homem branco nunca voltaria.

María envelheceria com os olhos voltados para dentro. Os *niños santos* parariam de brotar ao redor de sua porta, ou talvez se escondessem dela, como fazem os deuses feridos. Quando a névoa descesse espessa e branca como leite velho sobre Huautla, se ouviria a voz da montanha cantando em mazateco. Uma canção sem tradução, feita de mel, terra e dor.

QUEM DIRIA, MIRIAM RODRIGUEZ...

HEBE BONAZZOLA RIBEIRO

3º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA

 @hebebonazzolaribeiro

Miriam estava encolhida em si. Quero dizer, fisicamente encolhida. No chão, cheia de várias dores. Grandes e pequenas, mas várias. Tantas e tais, as mãos, costas, rosto e assim. Tantas. A soma delas todas a massacrava. Mas ela aguentava. As dores eram por fora, por isso aguentava. A força de vontade de dentro era maior. Sua vontade era filha sua. Seu sangue. Como Debora.

Explicando. Estava ali de joelhos, encolhida, pensando na filha. Se lembrava da vida de Debora, chorava pelos bons momentos. Então lembrava de sua morte e chorava baixinho por determinação. Era o jeito de não sentir dor ou de justificar sua dor. E não se arrepender. Sempre por Debora, sangue e vontade.

Alguém ali perto deu-lhe uma tigela com água. Mãos amarradas para trás, tomou-a como um cachorro e caiu de lado. Gemeu por suas dores e fechou os olhos. Talvez não quisessem liquidá-la. Queriam que ficasse quieta. Mas, para ela, a vida era falar de sua filha e do tráfico, das bocas de venda, das rotas, de tudo o que a matara. E do seu querido México, onde se morre de várias formas.

Por isso tinha procurado o Ministério Público, para falar.

Agora, estava ali, num sótão talvez, com apenas um pouco da claridade do sol sobre ela. - *Debora!* Gritou no seu meio-sonho.

Pegaram no seu cabelo.

– Quieta... Voz sussurrante.

Debora – pensou; sua linda filha. Tão cheia de vontade de viver. Jogara-se nos braços do narcotráfico como, em criança, nos seus. Rindo. Sem medo. Finalmente, minguando aos poucos, deixou de rir porque foi temendo olhar, temendo ouvir. Nessa fase, nem levantava a cabeça para encará-la. Aos poucos, emagreceu. Morreu bem enrugada, sem qualquer gordura nas poucas carnes e na muita pele sobrando. Não dormia sequer uma noite inteira e nunca sem pesadelos. A droga tinha comido seu cérebro. *Deus, tende piedade dela, mas não dos que fizeram isso.*

Pensar no assunto doía muito mais do que qualquer outra coisa. Agora que a filha estava morta ficara mais livre, mas lembrar de sua vida a aprisionava de novo em algo imutável. Por isso que a morte era a chave de sua prisão. Queria a liberdade.

Logo.

Gemeu sem querer, saiu dela. Gemidos parecem filhos, notou, com uma ponta de ironia triste. Também notou alguns passos já perto, passos leves. Mão leve libertando uma mão sua. Acariciou-se os pulsos. *Uma mão lava a outra.* Pensamento bobo. Contar o que sabia dava nisso, mas era por Debora. Seria a segunda vez que entregava a vida. A primeira, quando levaram a filha. Agora, quando a matassem. Por Debora, sempre Debora.

- *Quieta...* Aliviada da pressão nos pulsos, da má posição, dormiu. Por Debora. De repente, acordou, mas ali ficou. Nem tinha como sair dali, sequer conseguia pôr-se de pé.

Só mexeu as pernas um pouco, mas não tinha força. Sentiu uma cutucada nas costas, sem pressão.

- *Quem é?* Arriscou, mas a mesma mão que a tocara segurou sua cabeça contra o chão. Não reagiu. Afrouxaram a pressão. Percebendo o cheiro de mofo do piso de madeira, animou-se a girar lentamente e olhá-lo. Ele permitiu. Permitiu tanto que se aproximou um pouco da luz para que ela o visse melhor. Pensamentos retrógrados. Muitos anos antes de Debora. Seu primeiro amor, talvez. E talvez fosse só aparência, aquela que engana. A dela deveria estar horrível e fedorenta de suor do medo. A dele era mais bonita. Como tinha sido. Quem está com os carteis pode se dar ao luxo de ficar bem.

Gemeu novamente.

Fundo.

Fez silêncio. Ele também. Como se tivessem combinado.

Depois de dias, apareceu o corpo de mulher. Dentro da casa de Miriam Rodriguez. Já semi apodrecido.

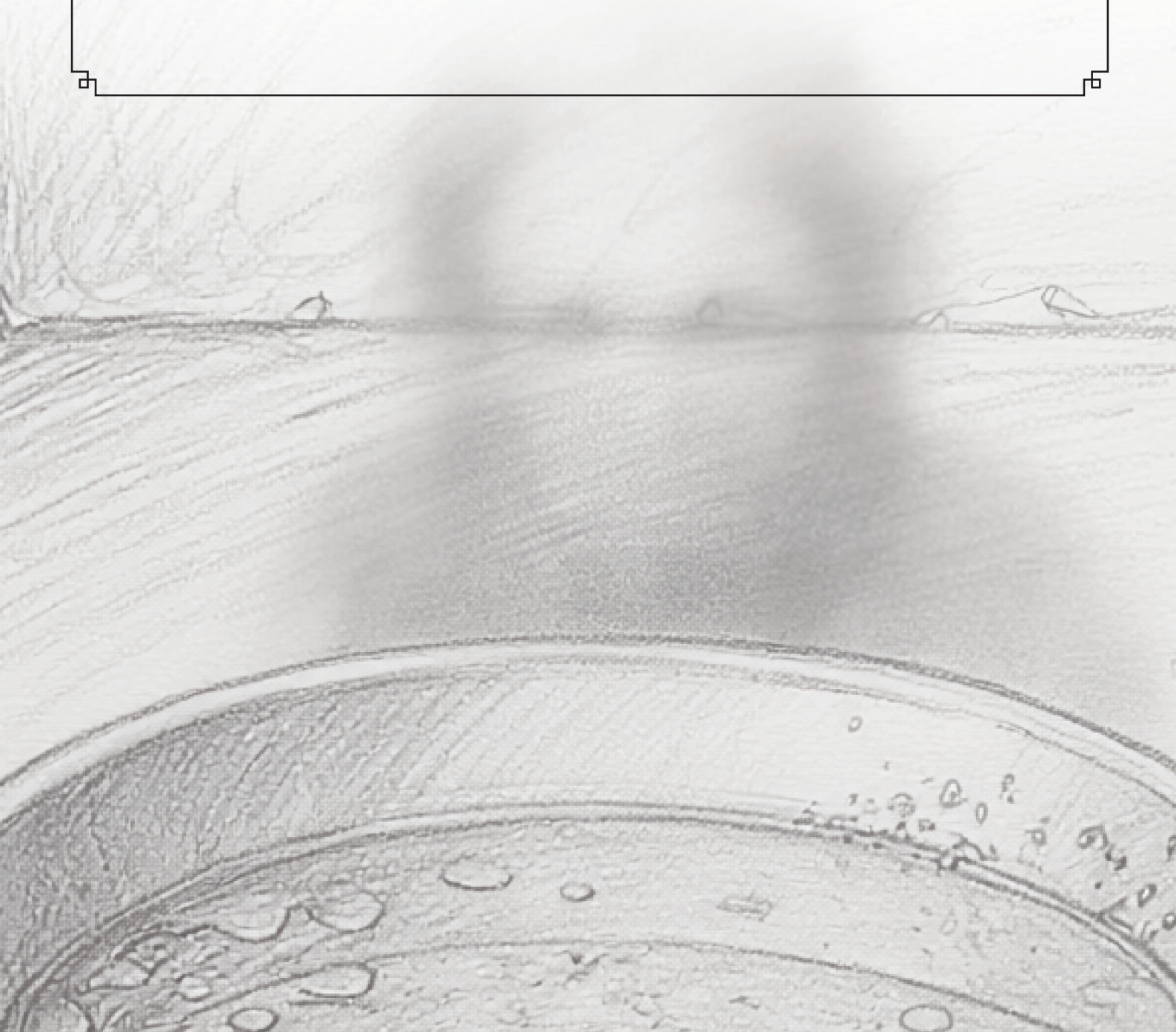
Desfigurado, sem feições, mandíbula e rosto quebrados. Ao menos, vestida, mas nada poderia estar bem nela. Foi enterrada logo. Sepultamento singular, com poucas pessoas e só da família. Todos velhos ou quase. Velhos importam-se menos com as ameaças. E poucos ameaçam velhos, ninguém acredita neles, ninguém pensa no que falam. Estão senis.

Ao longe, um casal parou para olhar. Não ficou muito e sequer alguém reparou. A mulher coxeava, o que não dizia nada para o pessoal do enterro. Mas, para eles dois, sim. Miriam.

Adeus Miriam.

E parabéns pelo seu último compromisso com o passado. Foi um sucesso o reencontro de vocês dois e sintonia na hora de fugir.


Depois de tanto tempo, ninguém imaginaria a vontade de ambos de continuar lutando. Genial. Com outros nomes. Sempre por Debora.



O HOMEM QUE COMPRAVA AMANHÃS

ANDRÉ LUIS MEIRELES JUSTI

2º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA

 @andyjusti, @deco.poeta

Eu o vi pela primeira vez numa esquina que, até então, parecia não existir. Era fim de dia, o céu entre o laranja e o cinza. Eu vinha distraído, moído de cansaço, quando notei uma banca pequena de lona desbotada, encostada entre uma papelaria fechada e uma farmácia 24 horas. Não havia jornais, revistas ou cigarros. Apenas um letreiro pintado à mão: VENDEM-SE AMANHÃS.

Pare, se quiser, e pense no que isso te provoca. Eu parei porque não tinha mais no que me apoiar.

O homem atrás da banca folheava um livro sem capa. Barba grisalha, olhos tranquilos, expressão de quem já viu pressa demais derreter no caminho. Não parecia um charlatão — o que, de certo modo, era ainda mais perigoso.

— Boa noite — disse ele, sem se apressar.

— Boa noite — respondi, mais por educação do que por coragem. — O que o senhor vende aqui?

Ele fechou o livro, marcando a página com um papel amassado.

— Amanhãs — disse, como quem informa que vende pão francês.

— Amanhãs... como assim? Previsão? Horóscopo?

Ele sorriu leve, sem deboche.

— Não vendo adivinhação. — Apontou para o peito. — Vendo vivência. Estados de alma que você poderia ter amanhã. Eu só antecipo o acesso.

– Parece conversa de guru – murmurei. – E o que eu ganho com isso?

– Presença – respondeu. – O hoje carregado do sabor de um amanhã que você ainda não teve coragem de viver.

Algo em mim se mexeu. Talvez porque eu andasse fugindo de mim há anos.

– Eu pago com quê? Dinheiro? Alma? Rim?

– Dinheiro compra pouco. Minha moeda é outra.

Ele puxou uma cadeira.

– Sente-se. Não cobro pra mostrar o catálogo.

Sentei. A noite se acendia poste a poste. Ele abriu um caderno com letras miúdas.

– Aqui – disse – o Amanhã da Coragem Pequena. Aquele em que você finalmente liga pra marcar um exame que evita há meses.

Virou a página.

– O Amanhã da Ternura Gratuita. Você oferece um copo d’água, faz carinho no cachorro, manda mensagem sincera.

Mais uma página.

– O Amanhã da Desistência – disse. – Acorda e percebe que parou de tentar. É barato. Tem saído muito.

Engoli seco.

– Não existe... um amanhã mais específico?

Ele me olhou. Folheou. Encontrou.

– O Amanhã da Reconciliação com o Pai.

O ar mudou de peso.

– Não sei se te interessa – disse –, mas ele está aqui.

Meu corpo respondeu antes de mim.

– Como é esse amanhã?

Ele descreveu: a estrada, o portão descascado, o cachorro, a porta se abrindo sem surpresa. A mesa. O silêncio. A frase torta, porém verdadeira: “Eu estava com saudade.” Ou: “Passei tempo demais com raiva de você.”

Os olhos do velho desviando numa desculpa sobre o feijão salgado.

Doía não ter vivido.

– Nesse amanhã – concluiu – não há milagre. Mas uma parte do peso cai.

Fechou o caderno.

– Posso te vender o esqueleto desse amanhã. O resto é com vocês.

– E quanto custa?

– Uma verdade que você nunca teve coragem de dizer a si mesmo.

A resposta saiu:

– Tive medo do meu pai a vida toda. Medo de parecer fraco. De amar e não ser correspondido. Então fingi que não ligava. Afastar foi mais fácil.

Ele assentiu.

– É uma boa moeda.

Carimbou a linha invisível.

– Pronto. Você comprou.

Levantei.

– Amanhã eu vou mesmo pra lá?

– Talvez sim, talvez não. Não vendo acontecimentos. Vendo coragem.

Apertei sua mão. Tirei da carteira uma nota antiga.

– Não é pelo amanhã. É pelo que o senhor me devolveu hoje.

Ele guardou a nota como memória.

Segui pela calçada. A cidade era a mesma; eu não. Havia uma leveza silenciosa.

Enquanto caminhava, vivi o amanhã por dentro: a estrada, a chegada, o quase abraço, a conversa torta, o alívio nos olhos dele. Quando percebi, estava em casa.

Peguei o celular. Digitei:

“Pai, estava pensando em você hoje. Qualquer dia desses apareço aí pra gente conversar.”

Enviei.

Fui à janela. A rua parecia menos hostil.

“Antes de qualquer gesto no mundo, ajeitam-se primeiro os desígnios do coração.”

Naquela noite, dormi como quem, enfim, se permite ser filho.

O amanhã seguia em aberto, mas eu já o havia visitado por dentro. E era ali que a história realmente começava.

OLHOS DENTRO DE OLHOS

VINICIUS MOREIRA PERROTTO MARTINS

1º COLOCADO
I CONCURSO DE CONTOS DA NOZ EDITORIA



@vini_moreira_

As ondas são o crematório desta cidade desolada. Elas arrastam casas, corpos e memórias para a escuridão oceânica. Correndo por carcaças de veículos numa estrada rachada, ossos trincando no frio como suas janelas, sou observada pela lua e as silhuetas, talvez sobreviventes, Falhas ou Contempladores.

Fuzil e lanterna são meus únicos companheiros na neblina. Sua luz revela os hieróglifos do Culto nos muros erodidos e chora com a culpa do sobrevivente sobre os vergalhões. Por que não fui dilacerada no lugar dos inocentes? Não há tempo a desperdiçar nessa dúvida. Esta cidade está perdida, e preciso reduzi-la a cinzas antes que a anomalia se espalhe.

Chego à cidadela onde os fiéis se apartaram dos simpatizantes ou inimigos. “Frequência Supra-Áurea”, diz o outdoor, caído sobre a própria corrosão. Quando a polícia caçou os cultistas, o perímetro foi cercado por fiéis treinados com armas de fogo, e eu era uma delas. Agora, restam apenas corpos no arame farpado, desfigurados pelos tiros e pela Frequência, com órbitas saltadas sobre rostos derretidos.

Eu me corto no metal enferrujado ao entrar e amarro um pano rasgado à panturrilha para estancar o sangue. Ascendendo do campo, rasgando a névoa, há um gigante que não pode esconder suas ruínas. Um sambaqui, ultrapassando vinte metros de altura. Foi ali onde tudo começou, quando escavamos a estrutura até encontrarmos algo que não deveria estar ali: um artefato datado de trezentos milhões de anos, sob os ossos e cerâmicas indígenas.

Correndo para o sambaqui, vejo a Prisão destruída no sopé. Seus gemidos de desespero adensam o ar com odor de defunto e peixe podre. Foi naquelas gaiolas retorcidas que confinamos as Falhas, fiéis que não conseguiram encontrar a iluminação ao calcular a Frequência Transcendente e decaíram em aberrações. Uma semana antes da onda de choque fractal, eles fugiram para deixar centenas de vítimas, modificando seus corpos com brutalidade para tentar calcular a geometria que nunca conseguiram descobrir. Três deles se aproximam, cambaleando sobre membros nos lugares errados do corpo. A escuridão e a neblina tiveram piedade de esconder o que eles fizeram com os próprios rostos. Lamento não ser tão piedosa quanto as trevas. Enquanto atiro naquelas coisas, tento esquecer que um dia elas já amaram, sorriam, sentiram medo como eu agora sinto.

Subo as escadas esculpidas no sambaqui pelas mãos da seita. Placas e letreiros de ferro reivindicam locais esquecidos pela hecatombe, reduzidos a esqueletos e muros caídos.

“Casa dos Calculadores”;

“Cura sagrada pela Frequência”;

“A sabedoria que veio aos nossos oceanos espaçonaves fractais: dentro e fora, acima e embaixo, vivo ou morto, são apenas abstrações geométricas.”

E, afinal, a placa que me fez vomitar.

“Sangue pelo cálculo: um mau necessário.”

Moscas açoitam cadáveres com geometrias modificadas por navalhas. Pássaros, cães, porcos e pessoas sacrificadas. Devo ignorar seu odor e as entranhas vivas que saem deles como cobras. Meu destino ainda está intacto no topo do sambaqui. Tudo converge para ele, no casebre do Artefato.

É quando alcanço seus portões decrepitos que a valentia desvanece. Quase desejo que uma Falha me desfigure para me livrar da decisão difícil. Devo puxar a alavanca e matar um para salvar cinco ou deixar que o trem esmague cinco para não sujar suas mãos? A resposta da minha dúvida enche o ar com um lamento abissal. Ele me faz virar para o colosso que se aproxima. O canto de uma jubarte.

Ela flutua sobre o sambaqui como um dirigível de carne. Do maxilar inferior ao ventre, tudo está em carne viva, ossos e vísceras expostas, pulsando e balançando. A baleia sobrevoa o sambaqui, demorando demais, consumindo o ímpeto dos meus pulmões até desaparecer na escuridão. Aquele é o tipo de coisa que aguarda o mundo se a cidade não queimar, e é por isso que eu arrombo a porta.

Devo lembrar de não olhar nos rostos luminosos das criaturas. Seus membros de colméia rastejantes, simulacros apodrecidos do que eram braços e pernas, fedendo a morte e borbulhando.

São Contempladores, membros da seita que conseguiram decifrar a Frequência e se tornaram um com ela. Foi quando os primeiros Contempladores transcenderam que a onda de distorção varreu a cidade com cacofonias e ventos matematicamente incompreensíveis, colapsando as mentes que tentavam entendê-los.

Sangue pegajoso escorre dos corpos em êxtase perante a compreensão absoluta, e nele, todos os artefatos do sambaqui. Cerâmicas onde os nativos tentaram reproduzir a Frequência. Um crânio distorcido com a metade esquerda dividida em espirais de polígonos e a direita cravejada de flechas. Aquelas pessoas entenderam o caminho que estavam trilhando e impediram antes que fosse tarde demais. Agora, eu detenho as flechas.

Meu estômago revira quando atravesso a origem de tudo. O altar do Artefato. Uma estrutura achatada de dois metros de carbonato de cálcio, composta de espirais e polígonos enlouquecedores com símbolos crípticos desenhados, que se ligam e giram como engrenagens. Comparado ao Mecanismo de Anticítera, era o último registro da assim chamada Civilização Supra-Áurea. As visões que tivemos tentando decifrá-lo, as espaçonaves vivas... Nada disso importa agora. Ele está diante da solução emergencial que os cientistas deixaram pronta caso tudo desse errado. Meu foco é o painel comando. O detonador da ogiva.

Os membros dos Contempladores são uma floresta de carne podre rastejando até o meu corpo, tentando me impedir, mas nada pode vencer meu desespero. Tiro as travas de segurança, arranco o painel, sinto a carne podre me escalando. O botão vermelho brilha sob os Contempladores, e nele, minha mão se joga com todo o peso das visões aterradoras que me compeliram até aqui.

O mecanismo entra em ativação. Não importa o que os contempladores façam agora, então deixo-me levar pela Frequência, certa de que a cidade será destruída, e este será meu último suspiro. Suas cabeças entram em meu campo de visão, tremulando, colapsando minhas sinapses enquanto tento entender de que geometria seus rostos são feitos. Mal tenho consciência da explosão que vai obliterar seus cérebros expostos, apenas das minhas últimas visões como mente humana açoitada pelo cosmos.

Olhos dentro de olhos dentro de olhos dentro de...

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE DIREITOS AUTORAIS DESTA OBRA:

Todos os direitos autorais por cada conto são de exclusividade de cada autor, não cabendo à Noz Editoria qualquer direito de autoria sobre eles, tampouco vinculam os autores à Editoria.

Todos os autores e inscritos concordaram em ter seus textos veiculados pela Noz Editoria para fins de promoção, no momento de sua inscrição, conforme edital do Concurso.

A venda deste e-book é expressamente proibida, sob as penas da lei, visto ser uma obra promocional, apenas.

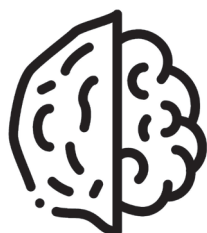
A reprodução e/ou uso de qualquer conto aqui veiculado em qualquer meio que não seja este e-book está sujeito à necessidade inviolável de permissão do(s) autor(es) para sua veiculação. Se o uso for pelo próprio autor, ele não precisa requerer permissão da Noz Editoria para replicar o texto em qualquer outro meio, tampouco de bonificar a Noz Editoria em caso de venda de materiais autorizados que contenham o conto aqui disposto.

Para fins de ineditismo, considerar-se-á que os textos desta coletânea já não são, a partir da publicação deste e-book, inéditos.

© desta diagramação e edição:

Noz Editoria – Itanhaém, SP (2026).

nozeditoria.com.br



NOZ
editoria
CONTE PRA NOZ.